

*TODO PARECÍA.*

POESIA CUBANA CONTEMPORÂNEA DE  
TEMAS GAYS E LÉSBICOS (SELEÇÃO)<sup>1</sup>

*Alberto Acosta-Pérez*

*O QUE FAZER QUANDO A GENTE NÃO É IGUAL AO OUTRO,*  
quando não se tem o mesmo gosto que ele pelo vermelho  
ou pelo álcool ou pelo sexo,  
se não se sabe o que fazer com o revólver que ao nascer  
puseram na tua mão,  
com a máscara que penduraram sobre a tua face.  
que decisão resta,  
só apagar-se?

*Achy Obejas*

LEGADOS  
Na primeira vez que me achei dentro de uma mulher,  
me confundi.  
Não a reconheci, nem a ela nem a mim mesma.  
Pensava que nadava, mas no ar.  
Talvez voava, sob a água.

Há segredos que só o corpo cede,  
como a vibração,  
e o beijo, um acidente feliz  
entre duas mulheres  
que já esgotaram a palavra.

*Alina Galliano*

OS DIAS QUE TENHO AGORA

53

Não se cansam as coisas e os objetos de sentir-me a vida  
de emprestar-me paisagens famintas de sons  
e tampouco se cansam de escrever-me os olhos com água de chuva  
ou de pintar-me as veias com um azul marinho

---

<sup>1</sup> Seleção e tradução de Ary Pimentel para *Alea* de textos poéticos da antologia *Todo parecía: poesia cubana contemporânea de temas gays y lésbicos*. BARQUET, Jesús J. & LEMUS, Virgilio López (Org.), Nuevo México: Ed. La Mirada, 2015.

que fulmina em sua fúria os portos  
onde pessoas ou espaços desejam repousar e tornar-se fixos  
como podem ser fixos galos cata-vento que giram nos tetos  
junto dos ninhos das cegonhas e dos relâmpagos  
pretendendo ser esse movimento no começo de uma viagem  
na qual crescem e se escrevem cartas que não esperam respostas  
mas que cruzam a longa distância das pálpebras  
por momentos beijam sem pressa as palmas de umas mãos  
ou repousam sobre as escrivatinhas e as caixas de seda  
para que os que desconhecem migrações  
emigrem por instantes e toquem outros céus,  
outros mutismos onde a percussão é um sabor exato  
despertando a vontade que habita os tornozelos  
ou te esmaga a testa da mesma forma que uma moenda.  
Há dias em que só sou possível comigo e minha luxúria,  
dias em que não quero que minhas amantes me degustem,  
me molhem, me abram como uma fruta entre seus lábios ou seus dedos  
pintando-me com suas umidades a cara, a vagina, as costas, as costelas,  
mulheres que me concedem de modo generoso geografias ao vivo  
para que eu me arrebate até a decadência  
ao sentir meus pulmões configurando oxigênio.  
Mas há dias que apenas sou de Alina, com intenção de ser isso mesmo,  
dias em que meu corpo enfrenta um radical de espelhos  
o esquerdo do osso temporal e o lóbulo.

*Frank Padrón*

SE O VISSÉS (JACOB E O ANJO)  
Se tu o visses amando-me  
se recebesses essas mãos de pedreiro levantando castelos na minha pele  
se escutasses sua voz de homem maduro que não fez 30  
anos dizendo como um menino que me ama  
se sentisses sua língua fervendo enquanto injeta o céu em minha saliva  
se tu o visses, ah,  
se o contemplasses olhando com ternura a foto de seus dois  
filhos homens enquanto vira um  
novelo em meu sexo que não tem gerado filhos como se  
fosse meu filho  
se me sentisses tremendo quando suas costas imensas me vestem e me desnudam  
Ah, se o visses amando-me  
se o visses vibrando na frente da minha boca faminta  
se observasses só por um instante como me amanhece antes que amanheça  
se o visses rasgando o manequim de sua virilidade diante dos  
lados escuros e luminosos de meu ser andrógino  
se ele te contasse um dia ainda que fosse com suas pobres palavras  
que tampouco necessita porque fala  
demais com todas suas peles e todos seus feitiços  
se o sentisses por alguns minutos virando de um golpe o

Zero Místico, o que não se pode  
achar que nele se encontra, feito um e milhões:  
demiurgo homem mulher anjo deus e  
sempre homem (ou seja, mulher, anjo, deus...)  
se tu o visses, ah,  
te daria vergonha não amar-me  
me daria vergonha te amar  
assim.

*Lilliam Moro*

EXPEDIENTE

Nasci de pais patríssimos  
boas gentes, briguentos, mal dados  
e divórcio pra não perder o costume.  
Me chamo com um nome que me deu minha tia.  
Nasci com as sobranceiras estranhas. Prenunciava  
ser filha amantíssima, casamento suculento  
e três ou quatro filhos – era só o que faltava –.  
Mas nasci com o mal do estômago  
que me faz vomitar palavras e poeminhas  
de uma Storni kafkiana.  
Finalmente, também inventei para mim o amor  
duas ou três vezes. Tive  
minhas pequenas desgraças, várias tentativas de suicídio  
e um mal alcoólico. Agora  
sou professora.

*Luiz Manuel Pérez Boitel*

IDENTIDADES

No palácio de governo de México DF, na salinha do palácio  
Onde espero, no próprio palácio de governo, alguém me exige que indique  
em uma ficha, marcando sempre com uma cruz,  
o sexo, a mesma identidade que antes pediam em dois quadrinhos  
que delatam as possíveis opções. Os quadrinhos possíveis  
para os que não viram o sexo numa cruz distante,  
melhor dizendo, entre quadradinhos. Olho nos olhos daquele que me desafia,  
como se fosse um ato de estranhamento, e ele assente com o olhar.  
No palácio de governo, nos quadrinhos do próprio palácio,  
o que está de guarda nesse momento mantém o silêncio, atrás do vidro  
para marcar a diferença, a cruz da diferença, no palácio de governo  
de México DF, marquei meu sexo com toda a condição pontual do ato.  
Depois saímos para a zona rosa.

VESTIDO DE NOIVA

Por isso não levanto minha voz, velho Walt Whitman,  
contra o menino que escreve  
o nome de menina em seu travesseiro,  
nem contra o rapaz que se veste de noiva  
na escuridão do armário.

*Federico García Lorca*

Com que espelhos  
com que olhos  
vai olhar-se este rapaz de mão azuis  
com que sombrinha vai atrever-se a cruzar o aguaceiro  
e a trilha do barco em direção à lua  
Como vai poder  
como vai poder assim vestido de noiva  
se vazio de seios está seu coração  
se não tem as unhas pintadas se tem apenas um leque de libélulas  
como vai poder abrir a porta sem afetação  
para cumprimentar a amiga que o esperou sob a amendoeira  
sem saber que a amendoeira raptou a sua amiga o deixou só  
ah onde poderá ir assim tão loiro e azul tão pálido  
a contar os pássaros a marcar encontros por telefones quebrados  
se tem apenas uma metade de si a outra metade pertence à mãe  
de quem a quem terá roubado esse gesto essa veleidade  
essas pálpebras amarelas essa voz que algum dia foi das sereias  
Quem  
lhe vai apagar a luz sob a cama e lhe pintará os seios com que sonha  
quem comporá as asas desse mal anjo feito para as zoações  
se as suas asas foram condenadas pelo vento e gemem  
quem quem o vai desvestir sobre que grama ou lenço  
para esbofetear-lhe o ventre para cuspir as pernas  
desse rapaz de cabelo crescido assim vestido de noiva

Com que espelhos  
com que olhos  
vai retocar suas pupilas esse rapaz que algum dia quis se chamar de Alicia  
que se justifica e lança a culpa nas estrelas  
com que estrelas com que astros poderá amanhã adornar-se as coxas  
com que alfinetes vai prendê-los  
com que pena vai escrever sua confissão ah esse rapaz  
vestido de noiva na escuridão é amargo e não quer sair não se atreve  
não sabe a qual de seus musgos escapou a confiança  
não sabe quem o acariciará desde algum outro parque  
quem lhe vai dar um nome  
com que possa vir e sossegar as pombas  
matá-las assim que paguem seus insultos  
com que espelhos ah com que olhos  
vai poder assustar-se consigo mesmo esse rapaz

que não quis aprender nem um único assobio para as estudantes  
as estudantes que riem ele não pode matá-las  
assim vestido de noiva amordaçado pelos grilhões  
sempre do outro lado da ponte sempre do outro lado do aguaceiro  
sempre em um telefone errado não sabe o número  
tampouco ele se sabe  
Está perdido em uma renda e não tem tesouras  
assim vestido de noiva como em um pacto perante o amanhecer

Com que espelhos

Com que olhos.

*Lina de Faria*

ABSOLVIÇÃO DO AMOR (III)

Para onde terá fugido o fulgor visionário?  
Onde estão agora, a glória e o sonho?

*William Wordsworth*

agora tua ansiedade menina minha  
não tem beiradas perigosas  
porque te amei para que soubesses  
a vergonha que dão as vestes  
com que nos envolvem  
desde que a luz bate na pupila mínima.  
te mostro minha nudez e você comovida  
como se tivesse visto Deus  
põe as tuas mãos em meu queixo jovem  
e as duas inventamos  
como a singular estrela do pátio de Belém  
porém mais que isso, nos enroupamos  
de peles sexo e sonho porque no grito  
só encontrarei a magia de ter culminado tudo  
como se ascendêssemos  
para o desenho estelar:  
você na plenitude máxima  
eu na plenitude de mostrar-te a vida  
do jeito que a sonharam  
os românticos ingleses  
assim puro Coleridge  
dando outra etapa à tua sapiência.  
você viu como souu  
o canhão das nove horas?  
éramos o mar remoto  
e entre almofadas de *soie*  
ganhamos uma história para o memorável.  
amor meu  
menina das ocupações mornas  
sempre uma codorna nos está esperando  
para sobreviver-nos como asas.

ELECTRA, CLITEMNESTRA  
(...) O vento soa profundo.  
O mar de Micenas silencia sua rouquidão  
é um vulcão contido.  
Medusa anda pelas colinas,  
suas serpentes se inflam  
e se inflam.  
O muro escuro que tudo cobre  
está olhando,  
rindo às gargalhadas.  
Medusa mostra suas garras e as crava na areia.  
Medusa abre e fecha as pestanas.  
Sua boca é um cordão amplo para a guerra.  
Ao quarto vai,  
para inundar a fortaleza.  
Abre a porta  
e rebola e rebola.  
Fúria, cratera,  
morde os móveis, o piso  
como uma pantera com audácia.  
Os olhos vão pra cima,  
vão pros lados,  
vão pra todas as partes.  
Esfrega seu lombo, sua crista em cada gume.  
O quarto é um fogo gigante,  
e no trono de solidão  
Clitemnestra se senta.  
Sente a língua de Medusa nos pés,  
nos seios.  
Seus mamilos se tornam fontes.  
O prazer entra.  
Medusa a desnuda,  
a sacode e a levanta.  
Monta no seu pescoço,  
lambuza-lhe a cara.  
Língua com língua,  
espuma vermelha, espessa.  
Os lábios queimam, ardem as orelhas.  
Tantas serpentes em um clitóris,  
tanta brandura forte, sedenta.  
Os rostos se lambem;  
os olhos se enquadram.  
As duas feras se olham.  
Jogam-se em uma ampla cama.  
Medusa monta um cavalo demorado  
e o teto as esmaga

e se unem  
e se amam.  
Medusa lhe entra pela boca,  
pelas costas, e grita.  
Cada serpente ocupa um orifício.  
Clitemnestra late.  
Seus braços atados à grande cabeça dessangram.  
Duas mulheres vibram, amoldam-se,  
morrem abraçadas,  
e já não há feridas nem crateras.  
Micenas renasce.  
O sol aponta e crava seu fogo em uma cama molhada.  
Ruínas de união descem pelas portas  
como uma capa espessa escapando para fora.  
As escadas gemem e riem, rangem,  
o prazer as desmorona.  
O leite das duas se junta em uma só  
e desce em direção ao mar.  
Clitemnestra entregou seus seios duros  
Clitemnestra recebeu mãos e mãos  
e carne nos lábios.  
Sua boca está seca, a cintura fina.  
Em meio à perfeição vira a cabeça  
para dar o último beijo da noite  
e vê Electra. (...)

*Seleção e tradução Ary Pimentel  
Universidade Federal do Rio de Janeiro*

Recebido em: 12/01/2016  
Aprovado em: 30/01/2016